

@rco digital



UMA REDE PARA APRENDER A PESCAR

@rco digital

UMA REDE PARA APRENDER A PESCAR

www.indiosonline.org.br/blogs

Autor: Nhenety Kariri-Xocó e outros indígenas

Editores: Derval Cardoso Gramacho e Sebastián Gerlic

Realização:



Parceiros:



Ministério
da Cultura



Este livro conta sobre o ARCO DIGITAL, projeto que se iniciou, em agosto de 2006, através da parceria com o Instituto Oi Futuro (programa Novos Brasis).

O livro é fruto de processos com mais de 100 indígenas de mais de 20 nações que juntos com várias outras pessoas constituíram uma comunidade colaborativa de aprendizagem. Os textos e as fotografias foram feitos pelos próprios índios, verdadeiros autores deste trabalho.

O livro conta também sobre o projeto irmão ÍNDIOS ON-LINE, que desde 2004 está construindo uma REDE que tem parceria com a ONG THYDEWAS, o Ministério da Cultura (programa Cultura Viva), o Ministério das Comunicações (através do GESAC), o Instituto Oi Futuro e a Secretaria de Ciência e Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia (SECTI).

Agradecemos especialmente a todos os indígenas e não-indígenas que colaboraram esticando o ARCO; a todos os que tecem a REDE.

Projetos: ÍNDIOS ON-LINE + ARCO DIGITAL

Realização: THYDEWAS

Coordenação Geral do ARCO: Ivana Cardoso e Sebastián Gerlic

Coordenação Indígena do ARCO: Nhenety Kariri-Xocó

Assistentes do ARCO: Coan e Lian Pankararu

Facilitadores temáticos do ARCO: Ana América Paz, Samuel Wanderley, Hiata e Calango, Lillian Calmon e Ivana Cardoso.

Editores do livro: Derval Cardoso Gramacho e Sebastián Gerlic

Projeto gráfico e Editoração: IDEÁRIO (Regina Barbosa, Lis Paim e Kátia Almeida)

Coordenação geral da REDE ÍNDIOS ON-LINE: Alexandre Pankararu

Análise de sistema e programação: Luis Henrique Moreira e Adriano Souza

Assessoria de Imprensa: Lillian Calmon

Ficha Catalográfica

(Elaborada por Rosane Rubim CRB5/685)

Arco digital. / Textos e fotos de vários indígenas;

Organizadores: Nhenety Kariri-Xocó, Derval Cardoso Gramacho, Sebastián Gerlic. - Maceió, 2007. 64p.

Apoio do Ministério da Cultura e do Instituto Oi futuro.

1. Índios 2. Índios on-line 3. Ciberculturas



CONHECIMENTO SEMENTE DA CULTURA

Assim falavam os nossos antepassados "O conhecimento é a semente da experiência de vida que brota em nossa memória". Pela tradição oral transmitimos os conhecimentos às novas gerações para a cultura continuar, e elas absorvem como as plantas fazem com a água da terra. Mesmo que morramos, a semente foi plantada, vai germinar nas pessoas formas de ações para desenvolvimento do povo.

O conhecimento é o fruto humano que traz o alimento na agricultura, a técnica da caça e pesca, a cura pelas ervas medicinais para combater as doenças. A sabedoria vive no nosso povo.



Nhenety Kariri-Xocó



NHENETY@INDIOSONLINE.ORG.BR

O computador conectado assume neste tempo ser instrumento de luta pelos nossos direitos. Com ele registramos nossa cultura, história e arte; estudamos e aprendemos, inclusive, a elaborar nossos próprios projetos. Ele nos facilita o diálogo e os intercâmbios.

Nhenety Kariri-Xocó.

Sumário

[illegible][illegible]

O COMPUTADOR É O NOVO ARCO E FLECHA

O arco e flecha é um instrumento de defesa, de caça... Hoje em dia, um computador com acesso à Internet também pode ser utilizado pelos índios como um instrumento de defesa e de caça. Nós, índios, já estamos usando o computador como ferramenta de buscar soluções. O computador nos serve para escrever projetos ou cartas que nos auxiliam para encontrar melhorias na saúde, educação, sustentabilidade e tudo que se refere à nossa sobrevivência e desenvolvimento, servindo como um arco e flecha.

Quando nós índios pensamos em fazer uma caçada, nós nos preparamos estudando todas as possibilidades: o clima, o terreno, a época do ano... Preparamos nossas flechas, fazemos nossas orações e saímos em grupo... Hoje em dia, também nos reunimos em grupo e através do computador e da Internet nós estudamos todas as possibilidades: os órgãos do governo e seus editais e suas leis, as agências de cooperação, os financiadores, os programas, os patrocínios de empresas, o mundo das parcerias... Preparamos nossos projetos e saímos com o objetivo de concretizar nossa caçada.

Quando um projeto é pensado, projetado, elaborado, encaminhado e captado, é igual à caçada tradicional. O que é preciso para ser um bom caçador? Precisa aprender com os mais hábeis caçadores e principalmente praticar muito. É bom estudar os hábitos dos animais: onde comem, onde bebem, onde vivem... É importante saber imitar os animais para atraí-los. É importante farejar, rastear para capturar as caças. É muito importante também o domínio do arco e flecha, para atingir a caça. O que é preciso para ser um bom caçador eletrônico?

Precisa aprender um pouco de informática com aqueles que já sabem sem se importar com a tribo digital que a outra pessoa pertença. Dedicar horas à prática no computador é fundamental. Praticando se aprende. Muito do que sabemos hoje temos aprendido praticando... Sozinhos.

Com a Internet nós podemos estudar "os hábitos" das agências, das secretarias, dos



Rádio Comunitária
Pataxó Hahahae

Léo Tupinambá

órgãos, das empresas... Onde se localizam, quais são as suas missões, quais suas formas de proceder (editais, chamadas, patrocínios, apoios, parcerias...).

É importante saber "imitar", saber ajustar nossos projetos aos perfis daqueles que a gente quer atrair, sejam eles financiadores ou parceiros... É importante procurar, pesquisar, navegar na Internet para assim saber melhor como "capturar".

O computador é muito rápido. Ele vai longe e pode atravessar o oceano em segundos. A luta para buscar as soluções dos problemas exige um grupo de pessoas articuladas e planejamento.

Um arco e flecha pendurado na parede é decorativo, não caça nem defende. Vamos usar nossos computadores, estiquemos nossos arcos e lancemos nossas flechas digitais!

Nhenety Kariri-Xocó

A FLECHA DIGITAL

Cada povo tem sua cultura, sua história, terra, meio ambiente, língua etc. O número total de atividades produtivas tradicionais e atuais formam a cultura de cada povo. Entre as inúmeras atividades existentes hoje na minha nação tem: o artesanato, a agricultura, a pecuária, o canto, a caça, a pesca e agora também "o digital".

Temos uma atividade nova desde 2004, temos indígenas que usam o computador e a internet para beneficiar a nossa comunidade, bem como trabalhamos também em REDE (www.indiosonline.org.br) com outras nações indígenas pensando não só no benefício de todos nós indígenas, mas também do Planeta.

Dentro do "digital" temos várias atividades: fazemos atividades que poderiam ser reconhecidas como: jornalismo, antropologia, história, serviço social, relações públicas, relações internacionais, relações institucionais. Existem vários ÍNDIOS ON-LINE, e várias atividades diferentes desenvolvidas nesse MEIO DIGITAL.

Em setembro de 2006, iniciamos a COMUNIDADE COLABORATIVA DE APRENDIZAGEM (www.indiosonline.org.br/blogs), construímos um espaço virtual onde dialogamos sobre o futuro que nós queremos e como concretizá-lo. Chamamos a nossa Comunidade de: "Arco Digital". Lá é nossa Oficina para construir as flechas digitais para nossos povos.

Na nossa Comunidade Digital dialogamos sobre vários temas: Etnojornalismo, Etnoeconomia, Cidadania Indígena, Agrofloresta, Educação, Saúde na Tradição, Economia Solidária, TICs... E, com os diálogos, cada um vai fazendo suas flechas. A tecnologia digital é hoje, para muitos de nós, uma ferramenta de sobrevivência. Usar a internet é uma forma de nos adaptarmos a mundo contemporâneo, não para deixar de ser indígenas, mas para preservarmos como tais.

Cada povo tem uma característica em suas flechas. Para cada alvo tem um tipo de flecha.



Auvino e Yaranawy
Pataxó Hahahae

Cada índio faz sua flecha de forma diferente. A característica da estrutura da flecha é a realidade da sua tribo: crenças, hábitos, tradições... A eficiência, o sucesso e o êxito da flecha em atingir o alvo vai depender de quem a construir e de como é lançada...

A maneira de fazer flechas se baseia na diversidade de colher, caçar, pescar, alimentar, de construir a sua casa em forma de projetos. As atividades no ARCO DIGITAL têm o sentido de ampliar e beneficiar a articulação dos indígenas com o mundo.

A caça e a produção de flechas são atividades integradas em relações e comportamentos socialmente harmonizados entre os indivíduos. A construção da flecha não é apenas uma adaptação ou proteção do grupo, mas uma interpretação simbólica de sua visão para atualizar-se no mundo contemporâneo.

Aqui em Kariri-Xocó os jovens estão entusiasmados com Arco Digital, a esperança nos olhos deles me emociona, a energia positiva é a matéria-prima essencial à construção de um mundo melhor. Isso se irradiará como um raio de luz do amanhecer no futuro de novas gerações.

É gratificante perceber os jovens indígenas usando o Arco Digital, o Arco do tempo contemporâneo, imaginando atingir uma dimensão ilimitada com um simples "clique", uma espécie de flecha com que atingimos o outro lado do planeta, todos nós somos da tribo da terra, pois, vista do espaço sideral, aqui parece haver um único povo. Pela unidade planetária vamos atirar nossas flechas para entrelaçarmos na atmosfera a rede tecida por todos os povos.

A CAÇADA TRADICIONAL

Em época de grande crise na tribo, os índios faziam uma grande reunião ao redor da fogueira para debater os problemas e encontrar as soluções para cada caso, principalmente o da falta de alimentos. O pajé chamava o cacique para organizar uma equipe de caçadores, que saíam para a floresta ao amanhecer. Estas incursões duravam dias até atingir seus objetivos. No grupo escolhido pela comunidade havia homens especializados em várias atividades. Chegando ao rio não viam os peixes, mas no grupo um guerreiro dizia: "Aqui tem peixes de água profundas", logo mergulhava e pescava surubim, niquim e curimatã.

Seguindo a caçada, chegaram ao meio da floresta e encontraram muitas frutas, mas só um guerreiro era o homem mais hábil em subir nas árvores, este escalou tirando muitos frutos: cajá, jenipapo, umari... Continuando, chegaram à beira de um lago e avistaram muitas aves: Nambu, marrecas, patos selvagens, mas eles eram velozes, só o melhor arqueiro da tribo conseguiu, atirando suas flechas certas, pegar vários pássaros. O rasteador observou as pegadas das caças e descobriu onde moravam as cutias, preás, tatus e pegaram muitos animais. Pelo cheiro das flores o farejador encontrou uma colméia de abelhas e retiraram muito mel.



No final da caçada tradicional, voltaram para a aldeia trazendo muita fartura, os produtos da floresta saciou a fome dos índios, porque caçaram em grupo, a vocação de cada um da equipe ajudou a satisfazer a necessidade do povo.

Nhenety Kariri-Xocó



Deoclecio e Araçá
em Kariri-Xocó





A CAÇADA DIGITAL

A Grande Caçada é fruto da Educação Tradicional, com dedicação cultural dos indígenas, executando suas faculdades no ecossistema natural.

A Caçada Digital segue esse pensamento, mas a sua realização é feita no cenário urbano das cidades, onde estão os lugares de caça: as instituições, os ministérios, as empresas, ONGs, agências. Esses campos de caças são fontes de recursos, direito, saúde, educação que os índios poderão acessar com o Arco Digital para realizar os objetivos comunitários.

Quando um projeto é elaborado pelos indígenas e aprovado pelas instituições a Caçada Digital só será concretizada quando a comunidade indígena usufruir deste projeto como na Grande Caçada, o esforço coletivo para o bem de todos. Em grupos sociais como os povos indígenas, cada pessoa faz parte do corpo coletivo, vivo e dinâmico. Se algum membro do grupo não executar sua tarefa todo o corpo sentirá o efeito. Ser índio é ser coletivo.

A Caçada Digital poderá ser uma pesquisa local na tribo, transformada em esperança do grupo, enviada pelo Arco Digital ao mundo externo, retornando à nossa tribo como um bando de aves revoando pelo céu, trazendo a fartura da caça, como no começo.

Nhenety Kariri-Xocó

OI, FUTURO!

Antigamente, antes dos portugueses chegarem, a gente tinha uma grandeza, muitas frutas, peixes, caças. Hoje mudou. Então hoje já buscamos também avançar com a tecnologia. Hoje já usamos essas armas e estudamos muito, já temos ate doutora Pankararu. A gente aprende no mundo moderno para buscar nossa vida melhor.

Tem algumas pessoas que tem medo do telefone... Eu era uma das pessoas. Aqui temos muitos índios com familiares morando fora...então nós usamos o telefone e outras tecnologias para nos desenvolver, como motores para nossas casas de farinha.



<ATIA PANK>
TRIBO PANKARARU_PERNAMBUCO

↑ status_online

em "nações" no menu do site
para saber mais sobre os pankararu, clique

A tecnologia é boa para o povo indígena Pankararu como também para outros povos.

Eu tinha dificuldade com telefone, ficava nervoso. Hoje já mexo no computador, aprendo um pouco. Isso é muito importante para todos nós. A gente trabalha com consciência com os jovens que estão aprendendo a mexer no computador. Assim, os jovens dividem seus conhecimentos com o mundo lá fora, aprendem e ensinam muitas coisas.

Agora estamos lutando para ter a nossa rádio comunitária. Será muito boa para nossa Educação. Boa para passar os avisos de educação, saúde e de nossas tradições indígenas. Chamar aos índios, porque nossa área agora é de 14.294 hectares de terra, muitas aldeias. Tupã e as forças da Natureza nos permitam ter uma rádio nossa, isso vai facilitar nossa vida.

A tecnologia é muito boa para nós porque nos permite competir de igual para igual frente a um concurso público ou numa vaga para um trabalho. Hoje os índios tiram muito boas notas, mas como a política é muito suja, eles colocam, via corrupção, sempre seus amigos, mas nunca os índios.

Aqui temos um Projeto de Ervas Medicinais que foi feito através do computador. Alexandre fez, ele estuda no computador. Ele pesquisa, ele investiga e daí ele jogou para FUNASA e hoje já temos esse projeto acontecendo.

Com a internet também fazemos nossas reivindicações. Já denunciemos um posto de saúde que estava caindo e com a internet a gente conseguiu reverter o problema sem sair fisicamente de nosso território.

✉ atia@indiosonline.org.br

www.indiosonline.org.br

O chat é a grande maloca

Quando nós nos reunimos no chat estamos discutindo, como os antigos guerreiros indígenas, ao redor da fogueira, planejavam suas incursões pelas florestas e rios à procura da sobrevivência. Conversar no chat é reunir várias nações indígenas pelo mesmo objetivo, uma Caçada Digital coletiva em grupo misto, de tribos diferentes. Cada um com a flecha específica da sua tribo, mas o arco é de todas as etnias.

Assim faremos uma caçada nunca vista antes. Uma ação multicoletiva para o bem de todos os índios brasileiros. Estamos desbravando novas simbologias com a tecnologia, no campo urbano das cidades, na floresta de pedra e elétrica e retornando para a floresta natural viva. Nas caçadas, cada povo indígena com seu dom - potencialidade cultural - que o guerreiro traz como bagagem para desempenhar sua tarefa. A Comunidade do Arco Digital com essa nova forma de caçar inaugura uma nova página na história: www.indiosonline.org.br/chat

Nhenety Kariri-Xocó

Há 25 anos o povo Pataxó Hãhãhãe luta pela recuperação de seu território, contabilizando já 18 indígenas mortos por reivindicar pelos seus direitos. Cansados de tanto sofrimento e injustiças, para chamar a atenção os Pataxó Hãhãhãe ameaça derrubar torres de eletricidade. Um helicóptero vigia o movimento dos índios. Os indígenas usam a internet para sua luta.



FORMAÇÃO DOS ARQUEIROS

Nossos guerreiros antigos primeiro aprendiam com seus pais, avós e pessoas da comunidade todos os conhecimentos necessários à sua formação, de acordo com a vocação almejada. Se por acaso o jovem queria ser um caçador, ele teria de perfazer um círculo de tempo aprendendo com todos os caçadores disponíveis da tribo. O futuro caçador nunca poderia desempenhar uma caçada sem antes passar por esse tempo educativo tradicional.

Quando o ciclo de aprendizagem se completava, era o tempo de o jovem passar para a fase adulta. Ele estava pronto para fazer a caçada junto com os outros arqueiros.

Para um arqueiro digital fazer sua caçada, ele vai buscar saber mais sobre sua própria comunidade indígena e dialogar com todos nós da Tribo Índios On-line para trocarmos experiências. Nós que participamos deste projeto coletivo, Arco Digital, constituímos uma Comunidade Interétnica.

O sucesso do projeto de cada comunidade indígena vai depender do esforço de seus membros, cada um com seu dom, unirem-se no sentido do bem coletivo. Partir dos dados concretos da realidade de cada povo é um bom começo.

Nhenety Kariri-Xocó

INTERNET E DIREITOS

yakuy entrou no bate-papo:

A internet promoveu a abertura de horizontes - contrariando o pensamento de uma grande maioria interessada em nos manter amordaçados - trouxe-nos novos significados, sem que isso implique no abandono das nossas tradições. Devolvendo nossas vozes, que foram caladas por muito tempo, coberta pelas vozes dos que se julgam especialistas. Conectar-se ao mundo através da internet é ter direito a ter um rosto, e fazer ouvir nossa voz é saber dos acontecimentos e interesses que envolvem toda humanidade.

status_online

Através desse mecanismo tecnológico conseguimos perceber uma janela para o mundo, a tão sonhada inclusão dos Povos Indígenas, como sociedade fundamentada, negada há décadas e décadas.

para saber mais sobre os tupinambá, clique em "nações"



«YAKUY LUPINAMBÁ»
TUPINAMBÁ - BAHIA

Depois do nosso primeiro contato com esse mundo chamado virtual, percebemos que somos capazes de proporcionar e promover a busca de Cidadania Plena para todo nosso Povo.

Hoje, com 47 anos, estou na Universidade Federal da Bahia, cursando o 1º semestre do curso de Direito, iniciativa tomada depois de perceber a força que existia dentro do meu ser, e que foi despertada, resgatada pelo uso da internet, através do contato intercultural e intracultural. As informações atualizadas de todos os sistemas existentes permite-nos uma maior clareza dos fatos e uma percepção do mundo real, para uma luta mais justa por nossos direitos!

Sabendo usar esta ferramenta de forma adequada e produtiva nos tornaremos cidadãos do mundo!



YAKUY@INDIOSONLINE.ORG.BR

status_online

O MUNDO EM UM TOQUE

Gilberto entrou no bate-papo:

Quando ouvi falar pela primeira vez a palavra internet, imaginei que seria mais uma palavra estrangeira, algo complicadíssimo. Navegar na internet? Não fazia nem idéia do que seria isso. Então, felizmente, eu e meu irmão conhecemos ÍNDIOS ON-LINE. Parei um pouco para refletir e pude descobrir um novo instrumento de trabalho, algo que não ia ajudar apenas uma aldeia, um grupo, mas todo povo Pataxó, ou melhor, todos os povos indígenas. Foi algo que nos abriu os olhos, ouvidos, todos os nossos sentidos e facilitou nossos passos...

ÍNDIOS ON-LINE nos ajuda no fortalecimento cultural e político, encurta os caminhos, estreita nossos laços com outras pessoas e nos permite conhecer outras realidades culturais. Com um leque de opções que se mostra em uma tela na nossa frente formamos novas idéias.

Com a primeira matéria publicada pelos Pataxó do Prado, as pessoas distantes entraram em contato conosco, foi muito positivo. Rapidamente percebemos a utilidade da internet e do nosso portal: **www.indiosonline.org.br**. Com ele, passamos a diminuir o preconceito que algumas pessoas e órgãos têm contra a gente.

Para saber mais sobre os pataxó, clique em "nações" no menu do site

«GILBERTO PATAXÓ»
PATAXÓ - BAHIA



ÍNDIOS ON-LINE nos ajuda no fortalecimento cultural e político, encurta os caminhos, estreita nossos laços com outras pessoas e nos permite conhecer outras realidades culturais. Com um leque de opções que se mostra em uma tela na nossa frente formamos novas idéias.



GILBERTOPATAXO@INDIOSONLINE.ORG.BR

www.indiosonline.org.br

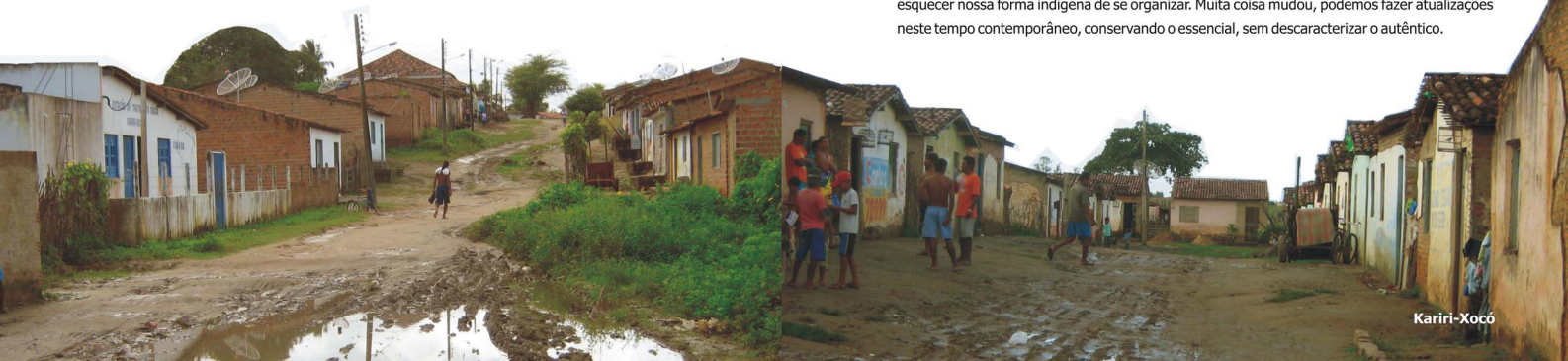
A comunidade é a união de todas as partes formando o corpo da tribo, constituindo o Índio Gigante.

CORPO COLETIVO TRIBAL

O Cacique Otávio Nidé, dos Kariri-Xocó, ancião que me instruiu na Tradição, falou para mim: "Nós somos um corpo só. A comunidade vive como se fosse um índio gigante".

Isso quer dizer que somos um corpo coletivo social e temos a nossa forma própria de se organizar. As lideranças são a voz do povo, o Conselho Tribal é a cabeça das decisões. Os chefes de famílias, as articulações, os chefes de casas, os organismos de sustentação na base, a comunidade é a união de todas as partes, formando o corpo da tribo, constituindo o Índio Gigante. Temos ainda instituições sociais.

O mutirão funciona como o braço de ação para realizar as atividades cotidianas. A cultura é nosso espírito ancestral, os cantos, danças, religião e arte. A língua é o veículo de comunicação, como uma canoa de navegação, na migração dos tempos, guarda registros dessa passagem no mundo. Hoje podemos fazer associações comunitárias, mas nunca devemos esquecer nossa forma indígena de se organizar. Muita coisa mudou, podemos fazer atualizações neste tempo contemporâneo, conservando o essencial, sem descaracterizar o autêntico.



TECNOLOGIA E TRADIÇÃO

<ARÁ PANK>
PANKARARU.PERNAMBUCO

status_online

Convivemos com o mundo moderno, mas não deixamos nossa cultura de lado, pois ela é o que temos de mais valioso e de mais bonito, ela é uma parte de nós. Sabemos conciliar tecnologia e cultura, e nos desenvolver, abrindo portas para um conhecimento amplo e de oportunidades.

Com absoluta certeza podemos, sim, usar o celular, não somos diferentes de outros povos em relação à inteligência, temos capacidade de usar o celular, que nos proporciona mais rapidez de tempo.

A internet facilita nossa locomoção para buscarmos nossos direitos e fazê-los ser cumpridos; como projetos que venham beneficiar as tribos indígenas. Além disso, a internet nos facilita os intercâmbios culturais, quebramos, assim, preconceitos, inclusive aquele que diz que os indígenas não são capazes de utilizar a tecnologia. Com a internet hoje fortalecemos nossas culturas e tradições, contando nossas histórias, costumes, crenças.

Tecnologia não mata a cultura dos povos indígenas, pelo contrário, a fortalece, se utilizada com responsabilidade. Ela quebra fronteiras traz benefícios para os povos indígenas, além de oportunidades de expressão. Quanto aos indígenas que ainda não usufruem da tecnologia convidamos a utilizá-la com responsabilidade, consciência e sabedoria.

Utilizar o computador pela primeira vez foi como abrir uma janela para um mundo novo cheio de informações.

ara@indiosonline.org.br



para saber mais

sobre os pankararu, clique em "nações" no menu do site

DIÁLOGO INTERCULTURAL

status_online

<TAINÁ PANK>
PANKARARU.PERNAMBUCO

Tainá
entrou no bate-papo:

Como Pankararu, acho muito importante esse projeto Índios On-Line, pois nos proporciona mostrar a nossa história de vida para os não-indíios, principalmente para quem discrimina a população indígena.

Temos que considerar que vivemos hoje na era da informação. O mundo se transforma. A essência da vida é a mutabilidade e não a permanência.

Desde abril de 2004 que temos acesso à internet na aldeia. Ela funciona como uma fonte de pesquisa e mais: promove o diálogo, a cultura da paz entre índios e não-índios e o respeito às diversidades. Para acabar com tanto preconceito foi que recebemos, através da ONG Thydewas, três computadores com acesso à internet gratuita, via satélite. Através dessa conexão, usamos o portal Índios On-Line para divulgar a nossa cultura, numa troca de experiências, onde mostramos a realidade do nosso povo Pankararu. Nossos guerreiros on-line têm a função de pesquisar e arquivar a nossa própria história, os nossos costumes, as nossas tradições, nossos avanços e as nossas necessidades.

Somos conhecidos e respeitados mundialmente, mas em nosso próprio País somos discriminados. Recebemos visitas de pessoas de todo o mundo, mas as pessoas das cidades vizinhas não nos conhecem como indígenas, se assustam quando nos vêem fazendo faculdade, quando nos identificamos como índios; acham estranho, como se fôssemos incapazes de encarar um curso de nível superior. Ainda possuem mentalidade de que índios são aqueles de 507 anos atrás, ou seja, moreninho, cabelo liso, que vive nu, que mora no mato isolado de tudo e de todos. Parece que eles pensam que paramos no tempo, que não podemos ter acesso a novos conhecimentos, às novas tecnologias.

A cada dia que passa me assusto cada vez mais com a falta de conhecimento dos não-índios em relação a nós indígenas. Moramos na comunidade Pankararu, mas isso não significa que estamos isolados do mundo. Somos o povo indígena que mais possui pessoas com curso de nível superior e nas diversas áreas do conhecimento como: História, Geografia, Letras, Biologia, Matemática, Medicina, Direito, etc. Além de Maria Pankararu, a primeira índia a ter título de doutora. Um exemplo a ser seguido por nós indígenas.

taina@indiosonline.org.br

www.indiosonline.org.br



NÃO É LENDA NEM MITO, É VERDADE

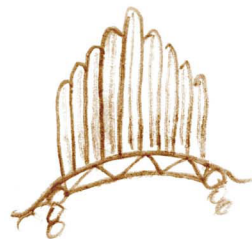
Como Contador de Histórias da tribo, é muito freqüente ser entrevistado por acadêmicos que visitam os Kariri-Xocó. Certa vez estava em minha casa e chegou um universitário. Ele disse para mim que veio fazer um trabalho na tribo sobre “mitos e lendas” dos Kariri-Xocó. Respondi que aqui na tribo não existem mitos nem lendas. Ele levou um tremendo susto. Expliquei que entre os índios “mitos e lendas” são histórias. Nossas historias não são fantasias nem mentira como contam os livros. Acreditamos na Mãe D’Água que é guardiã dos rios e dos peixes. Recebemos notícias da natureza através dos cantos dos pássaros e insetos, bem como dos fenômenos atmosféricos.

As formigas quando saem do formigueiro é sinal que vai chover. Quando o João-de-Barro faz sua casinha de argila com a porta virada para o Norte é porque vamos ter um inverno chuvoso. Nós índios acreditamos na nossa cultura.

Quando acreditamos em nossa espiritualidade nos aproximamos do Ser Superior e de nossa Mãe Terra. O conhecimento brilha como o Sol do meio-dia, que ilumina a todos nós, sementes da cultura na grande árvore da floresta. Cada povo tem a sua árvore cultural, juntando todas elas forma-se a “Grande Floresta da Terra”, onde as tribos vivem em paz.

Nhenety Kariri-Xocó





TIPO DE GUERREIRO

Quando se fala em um índio guerreiro as pessoas imaginam logo um homem robusto portando arco e flecha ou tacape. Hoje em dia há atuações de indígenas nas diversas áreas, dando uma nova característica a nosso povo. Professores, enfermeiros, carpinteiros, pedreiros, advogados, agentes de saúde, agentes agroflorestais... É a ação da pessoa que a define como guerreira ou guerreiro.

Uma índia enfermeira que trabalha arduamente para ajudar a combater uma epidemia na tribo faz um ato heróico. Um índio que luta combatendo um incêndio na floresta para salvar as plantas e os animais também é digno de reconhecimento.

Hoje é necessário que, além de guerreiros de força física, existam também guerreiros "modernos" que saibam lidar com a tecnologia. Juntos somos a nova força.

 status_online

Os meios de comunicação não nos impedem de praticar a nossa cultura. O computador facilita a busca do nosso direito pela terra, facilita divulgar a nossa verdadeira história. A comunicação nos fornece recurso para alcançarmos o que desejamos, porém temos que saber administrar e usá-la da maneira que beneficie o nosso povo... Todos nós sabemos que comunicação é uma arma valiosa, no entanto, se não soubermos usá-la, podemos nos machucar, mas sabendo observar o benefício que nos traz, podemos conseguir várias coisas boas para nossa comunidade. Se temos esta valiosa máquina ao nosso alcance temos que aproveitar para trazer melhoria para nossa nação e usá-la para perpetuar nossos valores.

Os n
a no
direi
histó
alcan
adm

Os meios de comunicação não nos impedem de praticar a nossa cultura. O computador facilita a busca do nosso direito pela terra, facilita divulgar a nossa verdadeira história. A comunicação nos fornece recurso para alcançarmos o que desejamos, porém temos que saber administrar e usá-la da maneira que beneficie o nosso



YONANA@INDIOSONLINE.ORG.BR



www.indiosonline.org.br

INDÍGENAS SIM, INCAPAZES NUNCA

<ALEX PANK>
PANKARARU, PERNAMBUCO

Há muito tempo, índios e tecnologia não se conciliavam.
Era impossível, imaginar ver índios navegando na rede mundial.
Até porque, na visão dos não-índigenas, O índio brasileiro seria incapaz de ter suas próprias idéias.
Mas entre índios e não-índios, quem primeiro popularizou?
Um país invadido, disseram que um outro povo colonizou.
Daí fica uma pergunta, como o povo indígena vivia antes do SPI?
Será que não se alimentava?
Será que não se organizava?
Ou então todas essas teorias criadas sobre os povos indígenas são besteiras?
Ou nada disso é verdade,
E sempre fomos independentes,

 status_online

Pois caçávamos, pescávamos e nos organizávamos,
Nos consideramos seres inteligentes e pensantes.
E agora porque o espanto?
Índios buscando autonomia?
Buscando por quê? Se sempre tivemos,
Ou será que vamos viver em um mundo dependente que criaram pra nós?
Então vamos embora, meu povo indígena!
Vamos acordar!
Se antes caçávamos com arco e flecha,
Hoje temos também um arco digital,
Se antes tínhamos que andar léguas e léguas
Para falar com outros parentes indígenas,
Hoje temos um chat.

no menu do site

sobre os pankararu, clique em "nações"

para saber mais



ALEX@INDIOSONLINE.ORG.BR

Então só tenho mais uma coisa a falar:
O projeto ÍNDIOS ON-LINE não é de se espantar,
E o índio não deixa de ser índio
Só porque se conectou, mas ao contrário,
Isso só nos ajudou e nos levou à realidade mundial.
Por isso não acredito que índio conectado é banal.
Então não me interessa se é índio ou não-índio,
Ou qualquer povo que seja,
Só sei que todos são iguais perante Deus,
Todos somos inteligentes e pensantes,
Só com culturas e costumes diferentes,
Por isso meus parentes,
vamos realmente ser independentes,
e deixarmos de nos sentir carentes e buscarmos nossos ideais.
Então vamos aproveitar nossa conexão e lutar,
seja de norte a sul, leste ou oeste, vamos conversar,
e idéias vamos trocar, e um mundo melhor vamos buscar.
Isso só depende de nós.
Índigenas sim, incapazes nunca.



APRENDER A AMAR

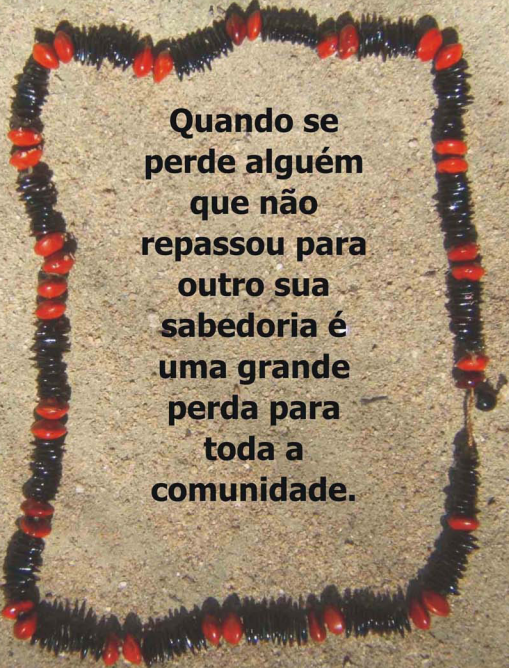
Hoje nós queremos ensinar ao branco a amar a natureza. Proteger o meio ambiente, não extinguir espécies, tirar da natureza só aquilo que precisa. Ensinar também como amar a sua família, respeitar os idosos e as crianças, viver com todos como irmãos. Eu tenho sentido muito interesse dos brancos em aprender a construir esta harmonia.

Em uma sociedade indígena cada pessoa da comunidade tem uma função, desde o cacique e os conselheiros até o pescador, o caçador, o farejador, o ceramista. Mesmo o fabricante de arcos, que necessariamente não é o melhor atirador, como nem sempre o melhor coletor de ervas do mato é quem melhor sabe fazer os remédios. Aqui cada um tem sua função, ao contrário do modelo social urbano, onde poucos têm função e os pobres são desprezados.

Para nós, uma criança que sobe muito bem nas árvores tem um doutorado naquela atividade e cada atividade do povo é importante. Quando se perde alguém que não repassou para outro sua sabedoria é uma grande perda para toda a comunidade. Porque só se é índio em grupo. Todos juntos formam este corpo que é o Grande Índio. Quando falta alguém é como a falta de um órgão para o corpo, um corpo sem uma mão é um corpo incompleto.

Hoje se fala de desenvolvimento, mas refere-se só à matéria, esquecendo o social, o cultural, o ambiental e o espiritual; os políticos e os cientistas só enxergam dos pontos de vista econômico e tecnológico. Desenvolvimento mesmo só ocorre quando é completo; quando deixa de ser uma luta pela sobrevivência, como a nossa, e passa a ser um viver em verdade, harmonia e alegria.

Para o branco, "primitivo" significa atrasado; para nós, quanto mais primitivo for o conhecimento mais avançado ele é. Por exemplo, se nós vivemos cinquenta mil anos é porque tínhamos uma sabedoria tradicional modelo, vivemos sem ter fome, sem ter pobres, sem ter injustiça, sem violência... Hoje, existem guerras onde morrem crianças. Nós tínhamos lutas que tinham um critério. Hoje, busca-se extinguir uma cultura, comprometendo o futuro. Nós não obrigávamos a outra cultura a crer em outro Deus.



**Quando se
perde alguém
que não
repassou para
outro sua
sabedoria é
uma grande
perda para
toda a
comunidade.**



DEUS É COMO UM DE NÓS

Aqui na Aldeia Kariri-Xocó chegam muitos estudiosos das universidades para fazer trabalho de pesquisas. Certa vez um professor indagou-me: "Nhenety, na cultura de vocês tem Cristo?" Eu respondi: Tem professor, mas não com este nome. Cristo é para o cristão. Para nós, índios, Deus é Índio. No começo do mundo, Deus se apresentou à tribo como um Índio, falando em nossa língua, pintado como nós, cantando e dançando o Toré. Deus ensinou a caçar, a pescar e a plantar, o conhecimento da natureza está em nossa cultura. Para as tribos indígenas, Deus é o Índio Supremo.

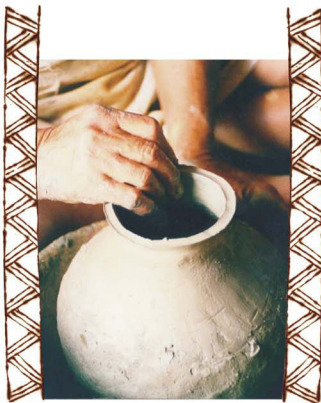
Na Europa ele foi identificado como Homem Branco, usando cabelos louros. Na África, Deus é Negro, mora no Deserto do Saara, toma banho no Rio Nilo. Deus é como um de nós.

Os jesuítas queriam no início da colonização e ainda hoje, fazer-nos esquecer o nosso Deus Índio e mudar para o Deus Branco. Mas ainda hoje nós vivemos nosso Ser Superior, de acordo com a nossa cultura indígena.



Como é o Mundo?

O mundo tem muitas configurações,
a visão de cada um vai depender
onde se esteja atuando.



Perguntei para um pescador: "Como é o mundo?"

E ele me respondeu: "O mundo para mim é um rio cheio de peixes: surubim, crumatá, tainha, piaú, piaba, piranha, lambiá e muito mais".

Perguntei para um caçador: "Como é o mundo?"

Ele me falou: "O mundo, para mim, é uma floresta com muitos animais de caça: anta, cutia, capivara, onça, teiú, nambu, macaco, veado e outras espécies".

Com curiosidade, perguntei para uma ceramista: "Como é o mundo?"

Ela me disse: "O mundo, para mim, é a terra, com barro vermelho, preto, amarelo e solo escuro bom para confeccionar potes, panelas".

Cada atividade abre um caminho para conhecer belezas.

Nhenety Kariri-Xocó

O limite da terra indígena

Em Kariri-Xocó existem aproximadamente 2.500 habitantes, vivendo em 700 hectares de terra. Em dezembro de 2006 o Ministério da Justiça homologou a área para 4.419 hectares, que está atualmente em fase de demarcação.

Entre no site: www.indiosonline.org.br e conheça mais sobre os Kariri-Xocó.

A aldeia é o centro do mundo tribal. O território é sagrado para o povo indígena. Dependendo do local, há florestas, lagoas, rios, serras ou montes. Alguns se perguntam: que tamanho tem nossa terra? Qual o seu limite? Qual a sua forma? Qual o marco divisor?

No passado, um europeu perguntou ao índio: "Qual o tamanho da terra de seu povo?" O índio ancião respondeu: "O Sol nasce e se põe em nossas terras, a linha do horizonte é o limite, onde o céu se encontra com a terra, de forma circular, porque o nosso mundo é redondo. Aqui tem Sol, Lua, estrelas, nuvens, chuva, serras, diferentes de outros lugares".

A aldeia é o centro do mundo tribal porque ela fica no meio da terra. O nosso povo no passado circulava por todo esse território, morando aqui e ali, acompanhando as caças. No princípio, deram nomes aos lugares. Quando avistavam uma serra, perguntavam: "Que nome vamos dar?", Naquele momento cantava um gavião, e davam o nome "Serra do Gavião"; chegavam em uma lagoa onde havia muitos jacarés e a denominavam "Lagoa do Jacaré"; caçando em outro local viam uma onça entrar na gruta, e chamavam "Gruta da Onça".

Nossa terra está toda registrada pelo nosso povo. Os lugares têm nomes colocados por eles, lugares de fartura e de alegria, campos de batalhas, cemitérios, lugares de tristezas. A terra traz nossa cultura. O tamanho de nossa terra é de acordo com as nossas necessidades, físicas, biológicas e culturais.

Nhenety Kariri-Xocó



A TERRA É O MAIOR DOS PROJETOS

Na década de 90 do século XX, os povos indígenas de Alagoas e Sergipe reuniram-se, em Maceió, para resolver os problemas de suas aldeias. Discutiram vários temas, destacando a Terra como ponto central de todas as ações. De acordo com as palavras do cacique Cícero, Kariri-Xocó, "a Terra é o maior dos projetos". Com a Terra temos saúde, ervas medicinais, o alimento e a paz.

Na educação, a Terra é o cenário dos conhecimentos históricos, lingüísticos, da fauna e flora, relevo. A Terra abriga a floresta, a fonte que sustenta nossas gerações com seus produtos: frutas, mel, caças, peixes... Até mesmo o rio está na Terra. Ela é a base do mundo. A ciência do índio é o conhecimento da Terra e do céu expresso em sua cultura.

As palavras do cacique Cícero emocionaram muitos índios na reunião, a partir daí tomamos novos rumos na luta pela conquista da terra. Com a terra temos tudo, sem ela não temos nada. Porque a Terra é um projeto divino para integrar os homens, os animais e as plantas. Todos saíram felizes da reunião porque resgataram um conhecimento que vem dos nossos ancestrais.

Nhenety Kariri-Xocó



A VOZ DA NATUREZA

Em uma aldeia, o cacique deve visitar todas as casas, ouvir problemas, dar atenção às crianças, aconselhar os inexperientes, conscientizar que o povo indígena só sobrevive coletivamente na união das pessoas. O Cacique Otávio, através de sua observação social, dava nomes às pessoas da aldeia de acordo com a característica de cada indivíduo.

Por exemplo, um menino que tomava banho no rio e era muito veloz na habilidade de nadar, o cacique dava-lhe logo o apelido de Piaba (peixe do rio) e todas as pessoas reconheciam socialmente a identificação. Cada povo tem o doutorado em sua cultura, porque somente ele pode saber sua origem, o que quer, o que sente, o que busca e para onde vai seguir.

Nhenety Kariri-Xocó



Otávio, maior contador de história indígena da época, chegava lá em casa à noite, como os outros velhos, para contar fatos passados.

Ali ficavam até 11 horas da noite; quando a lua estava alta, as pessoas iam se acomodar, dormir no silêncio da noite, quebrado apenas, de quando em vez, por alguma criança que chorava para mamar. Na aldeia, as mulheres conhecem as crianças mesmo sem vê-las, só basta ouvir seu choro para dizer: "É fulano, filho de fulana".

EDUCAÇÃO E ENSINO TRADICIONAL

A liberdade de viver, conhecer o mundo que nos rodeia, seguindo o ritmo natural do tempo, sem pressa, faz nosso modo de ser um povo feliz. Na educação e ensino do branco passamos a vida inteira estudando, após concluir o curso gastamos todo o tempo procurando trabalho; empregados, ficamos presos às dívidas para pagar o apartamento até o fim da vida. Este sistema não nos interessa, porque compromete nosso viver. O índio no Brasil nessa ordem não vive, apenas sobrevive.

Na educação tradicional indígena na tribo, cada pessoa sabe o que seguir: ser um pescador, caçador, pajé, cacique, construtor de maloca, de canoa, artesão, tecelão, pintor corporal, músico, cantor de Toré... São mais de 400 áreas do conhecimento que compõem a arte, cultura e ciências dos antigos. Todos os índios têm acesso ao nosso ensino desde a mais tenra idade. O Ancião é Doutorado, o Adulto, Mestrado, a paisagem, o livro vivo, pássaros voam no céu, os peixes nadam no rio, as chuvas são de verdade. Moramos no Campus do conhecimento. As crianças aprendem brincando, fazendo brinquedos, uma prática dos objetos reais que serão utilizados no cotidiano tribal.

Ninguém é obrigado a seguir uma carreira, a vocação diz o caminho do existir, cada um fica responsável pelo corpo coletivo vivo, só sobrevivemos como povo se agimos em sociedade. A floresta dá de tudo que a gente necessita: o alimento, o transporte, a casa, o trabalho e o lazer. É como um supermercado. Tiramos frutas das árvores, mel das colméias, peixes dos rios, caças dos campos e a terra para plantar. Os nossos direitos são equilibrados com os deveres. Quando alguém precisa de casa, a comunidade se reúne e faz logo um mutirão, em um dia levantamos o lar tão sonhado. Para plantar uma roça, formamos grupos de ajuda, homens cavam a terra, mulheres colocam os grãos no chão, outras cozinham o alimento para sustentar a multidão. A terra é de todos.

A comunidade em geral tem o que fazer, pois cada um tem uma arte ou profissão

garantidas pelo sistema tradicional, trabalhamos o necessário que o corpo pode agüentar, não passamos dias e noites além para ficar rico. O que faz a pessoa adoecer é ir além dos limites, comprometendo suas energias, levando ao esgotamento físico e mental, tentando juntar riquezas, que na morte não vai levar.

Com o capitalismo feroz, destruímos as fontes naturais, comprometemos as futuras gerações. A terra é dividida, quem tem dinheiro compra tudo. Agora o equilíbrio está ameaçado, tomaram as terras indígenas, derrubaram as florestas nativas, o Planeta corre risco. Devemos cuidar do mundo. Façamos leis do equilíbrio, uma educação de todos, saúde como um direito sagrado, acesso ao trabalho, justiça social. Vamos democratizar as instituições, retirando o empecilho da burocracia, organizar os interesses pessoais, coletivos e privados, dos humanos, da terra, dos animais, dos vegetais, do meio ambiente.

Nhenety Kariri-Xocó



Há muitas pessoas que dizem que o índio não consegue acompanhar a tecnologia e que nós índios temos que viver como bichos na selva, fazendo e praticando tudo aquilo que nossos antepassados faziam antes de os portugueses invadirem o nosso território de origem.

A tecnologia também chegou às aldeias e o que muita gente pensa é que nós índios não usamos telefone, computador, e quem pensa dessa forma está totalmente enganado. Nós, índios, acompanhamos a tecnologia e não estamos perdendo nossa cultura por isso, pelo contrário. O telefone e a internet dentro das aldeias só nos têm beneficiado, pois servem para que nosso povo se comunique com outros povos do Brasil e do exterior, fazendo trocas de experiências, promovendo eventos e até mesmo reuniões on-line.

Através da tecnologia temos a capacidade de buscarmos o melhor para nossas aldeias, sem perder a nossa cultura, e temos que demonstrar nosso respeito e sermos respeitados como cidadãos brasileiros. Através da tecnologia estudamos nossos direitos e nos articulamos. Através da tecnologia estamos deixando de ser vistos como bichos do mato.

O objetivo, de nós Povos indígenas, é mostrar as nossas histórias reais. Chega de histórias enganosas, que até as nossas crianças indígenas estavam aprendendo. Foi aí que nós Índios começamos mais uma luta, por uma educação que realmente tenha valor para nossas crianças, uma educação verdadeira, educação diferenciada e de qualidade. Pensando também na educação de todos os brasileiros e para acabar com os preconceitos, a gente faz este livro, a gente escreve no nosso site... A gente se mostra.



ITOHA@INDIOSONLINE.ORG.BR

para saber mais sobre os pataxó hã hã hã, clique em "nações" no menu do site



Itôha
entrou no bate-papo:

O telefone e a internet dentro das aldeias só nos têm beneficiado, pois servem para que nosso povo se comunique com outros povos do Brasil e do exterior, fazendo trocas de experiências, promovendo eventos e até mesmo reuniões on-line.

FOGUEIRA DAS HISTÓRIAS

Os índios, desde o tempo mais antigo, sempre se reuniram ao redor do fogo para discutir seus problemas, falarem da criação do mundo, das caçadas, da pesca, das tradições dos antepassados que deram origem à tribo como povo.

Cada Contador de História tinha sua especialidade. Joaquim Fumaça falava do Tempo do Rei, dos engenhos de cana-de-açúcar, de príncipes, de feiticeiros, assombrações, de lobisomens, dos viajantes e tropeiros. O Velho Gringo contava da valentia dos Cangaceiros de Lampião, de Corisco, Polícia Volante, dos Valentões do Sertão, das espertezas de João Grilo, de Zé Bico Doce, dos Coronéis da região. Manoel Iraminon conhecia histórias dos fazendeiros do sertão e do litoral, da Revolução de 1930, da Intendência de Colégio, do sertanejo pobre, dos vaqueiros na lida do gado, histórias de mistérios, das festas do interior. O Cacique Otávio Nidé, conhecedor das Leis da Tradição, falava das genealogias tribal, dos pajés, do Conselho Tribal, do Cemitério Sagrado, onde enterrava os mortos em igaçabas, conhecia os segredos do rio, da Mãe D'água, do Negro D'água, do Fogo Fátuo, falava das trovoadas, dos raios, da chegada do Inverno, da seca do Verão. O Pajé Francisco Suíra, nosso chefe espiritual, falava da cura das doenças, de feitiços, da inveja e da fartura. Candará falava sobre o rastro do teiú, da capivara, do veado, do gato-do-mato e da esperteza da raposa. Antônio Preto, remédio de raiz de pau, da construção da casa de pau-a-pique e da choupana de taipa. O Cacique Cícero Irecê, das histórias dos Kariri, Natu, Romarís, Xocó, Aramuru, Karapotó, Aconãs e Tupinambá.

Ao redor da fogueira saíam muitas histórias bonitas, de angústias que passamos, das injustiças da política indigenista, das invasões de nossa terra, dos fazendeiros poderosos, da exploração da mão-de-obra barata, do sofrimento do povo. Das histórias das fogueiras saíam e saem muitas soluções importantes.

Nhenety Kariri-Xocó





TUDO NA TRIBO É NECESSÁRIO

Observando uma ceramista trabalhar perguntei a minha avó Júlia: "Por que a senhora faz o pote mais feio da aldeia"?

Ela me respondeu: "Meu neto, é porque só sei fazer assim. Meu pote de barro é mesmo o mais feio da aldeia, como todo mundo diz. Mais este pote feio é o que mais esfria água, deixando-a fresca e saudável".

Ela me falou ainda: "Os potes da velha Luiza são os mais bonitos da tribo, mais não esfriam a água. Eles só enfeitam a casa. Os dois são necessários para o nosso povo, um pela saúde e o outro pela beleza visual que nos alegra. Não se preocupe em fazer o mais bonito ou feio, todos fazem parte da cultura.

Uma semente feia talvez esconda o seu poder curativo. As aparências enganam. As cobras mais bonitas da floresta, de cores vivas, são as mais venenosas, se você não as conhece, fique longe delas, pois elas poderão lhe morder e suas picadas podem anunciar o fim da vida. Mas elas comem os ratos que infestam as plantações das roças. A velha árvore, feia e enrugada pelo tempo, como é tão linda! Viveu muitos invernos, muitas gerações passaram por aqui, e sua sombra resiste até hoje. O mandacaru, cheio de espinhos pontiagudos, é o cacto que armazena água para o período da seca que se aproxima".

Nhenety Kariri-Xocó



Esta história vem desde a colonização, quando começou a derrubada da Mata Atlântica com o corte do pau-brasil. Logo após veio a atividade canaveira, devastando as florestas da região para instalar os engenhos e plantio da cana-de-açúcar. Na época da República, nos anos de 1960, em nossa região, ao Sul de Alagoas, a Mata Atlântica foi quase devastada por completo, existindo algumas áreas verdes, aqui e ali. Na Terra Tradicional Kariri-Xocó, a Mata de Caboclinho foi derrubada pelo fazendeiro Amorim para plantação de capim para o gado, isso aconteceu de 2003 a 2004.

A única floresta que dispomos na Terra Indígena Kariri-Xocó é a Mata do Ouricuri de aproximadamente 100 hectares. Esta unidade ambiental é bastante castigada por lenhadores, indígenas e não-indígenas, além dos caçadores.

Nhenety Kariri-Xocó

desmatamento



para saber mais sobre os potiguara, digite o nome da tribo na busca do site  status_online

Acredito que para a sociedade não-indígena, as matérias sobre nós só chamam a atenção quando referenciam algum conflito com a polícia, invasão de terra ou qualquer outro fato onde eles possam inverter o ocorrido e nos colocar como vilões da história. Não existe a preocupação de saber a origem dos casos, o porquê de estarmos fazendo algo. Na maioria das vezes, distorcem tanto os fatos que acabamos taxados de invasores, quando na verdade só estamos recuperando o que tomaram de nós. Quando conseguimos algo que sabemos ser muito importante para nós, como é o caso do curso pré-vestibular aqui nos Potiguara ou a Frente Parlamentar, que foram coisas que alcançamos através de nossa articulação e determinação, não vale a pena eles comentarem porque não dá audiência. Isso me deixa muito triste, mas é aí que cada vez mais eu vejo a importância de não esperarmos que falem sobre nós.

QUANDO VIRAMOS NOTÍCIA?

IREMBÉ@INDIOSONLINE.ORG.BR



◀IREMBÉ POTIGUARA▶
TRIBO POTIGUARA - PARANÁ

A rede **ÍNDIOS ON-LINE** nos traz a possibilidade de sermos repórteres dentro de nossas comunidades e mostrar o que verdadeiramente acontece.

Irembé entrou no bate-papo

 **UMA NOVA PAGINA NA HISTÓRIA PARTICIPE!**

www.indiosonline.org.br



Nascem dois irmãos na mesma hora. Os dois crescem juntos. Um presta atenção em todos os acontecimentos e fatos da tradição tribal, aprendendo e o outro não. Os dois crescem e se distanciam. Um fica na tribo e o outro vai embora.

Depois de muitos anos aquele que foi embora sente saudade e retorna. O que ficou também quer conhecer o mundo de fora; então cada um vai ensinar ao outro:

DOIS IRMÃOS EM UM MUNDO

Me ensina como é o mundo de fora?

Me ensina como é o mundo de dentro?

Então vai ter uma grande troca de conhecimento. Mesmo aquele que nasceu na tribo, não sabendo da tribo aprendeu coisas que a tribo vai precisar. Todos os povos da terra foram criados e são necessários, senão, não teriam sido criados.

Nhenety Kariri-Xocó

SERÁ QUE A TECNOLOGIA NOS FAZ BEM?

<OLINDA MUNIZ>
PATAXÓ HÃHÃHÃE, BAHIA

Nós índios normalmente temos uma vida de hábitos rurais e na maioria das vezes, nossas aldeias ficam distantes das cidades. Por isso, de modo geral, temos menos acesso à tecnologia eletrônica que as pessoas que vivem em cidades.

A primeira tecnologia desse tipo que chegou na minha aldeia Caramuru Paraguaçu foi o rádio. Lá não tínhamos energia elétrica e os aparelhos de rádio funcionavam com pilhas. Começamos então a ter um tipo de interação com a população das cidades circunvizinhas, pois, através dos programas que ouvíamos nas rádios, ficávamos sabendo das notícias, dos recados e das músicas que eram ouvidas pelas outras pessoas. Depois, alguns de nós conseguimos adquirir pequenos aparelhos de TV em preto e branco que podiam ser ligados a baterias. Como eram poucos aparelhos, muitas pessoas se reuniam para poder ter acesso à informação que chegava. Foi uma experiência interessante, mas só dava para assistir um filme e uma novela, ou duas novelas, por causa da bateria que não durava muito.

Com a chegada da energia, passamos a comprar TVs maiores e coloridas. Também podíamos ficar assistindo por um tempo ilimitado. Apesar disso, essas tecnologias



✉ OLINDA@INDIOSONLINE.ORG.BR

ainda nos proporcionam pouco, pois com elas apenas temos a oportunidade de ver programas feitos para pessoas de fora das aldeias. Outro problema é que as empresas de TV normalmente fazem programas que não acrescentam nada ao desenvolvimento da consciência das pessoas e muitos deles chegam a desestimular o senso crítico, trazendo apenas futilidades.

Depois nos chegou o telefone. Essa tecnologia permitiu a comunicação com parentes que estavam fora da aldeia. Podíamos falar com outras pessoas sem ter que nos deslocar até elas. Isso já nos facilitou muito a vida. Muitas vezes nos deu a oportunidade de pedir ajuda médica em casos de urgência, denunciar para jornalistas e para órgãos de apoio à causa indígena, situações difíceis que vivemos no passado e que ainda continuamos a viver.

Foi-nos trazida uma rádio comunitária com a finalidade de divulgar o pensamento de uma igreja evangélica, mas conseguimos que também nos sirva para objetivos nossos, como a comunicação de uns com os outros, já que temos pessoas morando em partes mais distantes, na aldeia. O melhor é que nossa rádio sirva apenas para a transmissão das coisas de nossa cultura, como nossas

Olinda entrou no bate-papo:

canções de Toré. Porém, temos índios protestantes e católicos na aldeia e ainda não conseguimos conscientizar a todos da necessidade de resgatar os valores de nossa vida mágica. Muitos índios ainda recorrem à religião cristã, pois algumas igrejas costumam influenciar a nós índios a pensar que certas coisas de nossa cultura são "pecados".

Mas a tecnologia que tínhamos à nossa disposição não permitia que nos comunicássemos para fora da aldeia, a não ser o telefone, que não tem o alcance de outros meios de comunicação. Atualmente, chegou outra tecnologia que revolucionou a nossa relação com a comunicação, o computador e a internet, e com a chegada da internet essa situação mudou. Antes, para poder levar nossas histórias para o mundo, precisávamos de jornalistas, antropólogos e outras pessoas de fora da aldeia que levavam a informação que queriam passar, e não necessariamente a que estávamos querendo passar. Hoje podemos levar para o mundo, com nossa própria voz, todas nossas histórias e ter a oportunidade dos não-índios nos conhecer melhor e nos respeitar como povos que têm culturas próprias.

Algumas pessoas não-índias têm preconceito contra nós índios estarmos usando a tecnologia, acham que este fato pode fazer com que percamos nossa cultura. Muito pelo contrário, a internet nos ajuda muito no resgate cultural, pois pela internet discutimos com outras tribos e fazemos contatos que ajudam na nossa causa.

A principal importância da internet para nós índios é que vamos ter contato com o mundo de qualquer forma, mas a internet permite que possamos escolher o que vamos querer absorver para nossas vidas, ao passo que a televisão e o rádio não nos dão opção.

Na internet estamos criando um espaço indígena, e nele tomamos conhecimento uns dos outros. Temos sites nossos, temos índios no Orkut com comunidades indígenas e isso nos ajuda até a combater os preconceitos que existem contra nós. E, o que considero mais importante, nos nossos espaços somos nós que escrevemos. Assim passamos o que queremos passar, e temos a experiência de ter que comunicar nossas idéias de modo que todos entendam.



www.indiosonline.org.br

A DINÂMICA DA CULTURA

Tradicionalmente a tribo abria na floresta uma clareira para construção da aldeia ou plantar suas roças comunitárias, usavam artefatos naturais com sua marca cultural. Com a instalação portuguesa no Brasil, uma série de instrumentos, objetos da cultura européia, foi introduzida entre as tribos. Muitos objetos substituíram os já usados pelos índios há milênios. O cocar pelo chapéu, a tanga de palha pela calça de pano, o arco e flecha pela espingarda, o colar de dentes e sementes pelo de metal. A maloca coletiva pela casa privada para um só casal, a rede de dormir pela cama, a lasca de pedra pelo machado de ferro, o espelho de reflexo d'água por um espelho de vidro. Aos poucos, com o capitalismo, vieram produtos industrializados, o mel das abelhas pelo açúcar de cana, a canoa utilizada pelos índios foi trocada pelo carro de boi. Foram incorporados elementos da cultura européia, o café, o moinho de cereais substitui o pilão, o baú no lugar dos balaies de cipó, a enxada no lugar de cavadores de madeira. Muitas atividades tradicionalmente mudaram de sistema porque foram destruídas as florestas, de onde vinham todos os produtos para a cultura indígena.

Sabemos que essa mudança cultural é irreversível. A cultura não é parada, não é estática, é móvel, mutável, dinâmica. A cultura está sempre sendo construída em diálogo também com as outras culturas.

Devemos nos enriquecer com aspectos de outras culturas necessários para nossa evolução e ao mesmo tempo não colocar em risco nosso sistema nativo. Hoje utilizamos o computador para além de registrar nossas histórias, cantos, fauna, flora e conhecimentos, usamos também a tecnologia avançada para denunciar o corte de madeiras, para estudar, para reivindicar nossos direitos e para conhecer outras culturas, com as quais dialogamos e assim nos precavemos das coisas que consideramos ofensivas para nossa cultura.



ÍNDIOS NA VISÃO DO MUNDO

<ALEX PANK>
PANKARARU, PERNAMBUCO

O mundo imagina os índios de hoje
Analfabetos, desnudos, moradores da selva,
Incapazes de pensar, de se organizar e se adaptar às
modernidades,
selvagens e dependentes,
somos tratados como bonecos folclóricos.

Mas já se passaram 507 anos de invasão,
E hoje temos professores
e até doutores indígenas,
Dançamos toré e comemos morocondo,
Pois nossa tradição nunca mudou

E com o tempo o índio se modernizou,
O telefone alguém instalou e um programa do governo
nos conectou,
E a Thydewas num portal nos ligou,
Muita oportunidade nos doou, que maravilha ficou.



↑ status_online

✉ alex@indiosonline.org.br

62



www.indiosonline.org.br

Alex entrou no bate-papo: Dançamos toré e

comemos

morocondo

pois nossa tradição nunca mudou.



A mídia, os livros, jornais, revistas e
nem as enciclopédias,
Nunca contaram nossa história como
realmente é,
Mas através do Índios On-Line isso
tudo mudou,
Nele contamos nossas necessidades e
avanços,
A história vivida por nós mesmos, pois
só nós nos conhecemos.

Mas a vida é assim mesmo,
Tem gente que tem um conceito sobre
nós sem nos conhecer,
Vivemos em um mundo diferenciado e
específico sim,
Mas nada impede de nos adaptarmos
a outros mundos.

para saber mais sobre os pakararu, clique em "nações" no menu do site

E por isso eu só tenho a falar e não
é blá blá blá

Agora barreiras temos que quebrar,
Pois autonomia vamos buscar e
ocupar nosso espaço na sociedade
E nossa história, costumes e
tradições vão continuar,
com novos conhecimentos a
qualidade de vida vamos melhorar.

Alex entrou no bate-papo:



Você pode copiar, distribuir, exibir ou criar obras derivadas a partir desta sempre, desde quando não haja fins comerciais, devendo citar o nome completo deste livro e do autor de cada trecho copiado.



A ONG THYDEWAS é composta por indígenas de várias nações e por não-indígenas que juntos trabalham por um mundo mais humano, sabendo que a riqueza deste reside na sua diversidade em diálogo.

Apoio:



Você sabe quem inventou a Rede?

www.indiosonline.org.br

O computador conectado assume neste tempo ser instrumento de luta pelos nossos direitos. Com ele registramos nossa cultura, história e arte; estudamos e aprendemos, inclusive, a elaborar nossos próprios projetos. Ele nos facilita o diálogo e os intercâmbios.

Nhenety Kariri-Xocó

A receita da venda deste livro será revertida para o ARCO DIGITAL.

Realização:



Parceiros:



Ministério da Cultura

